

11-07-2019

Interrogações sobre a violência e a gota de bondade

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Por que a violência é parte essencial, filha congênita e aspecto positivo da atual estrutural social?

Esta sociedade cria a violência e a deseja - por quê?

A intensificação da violência, o crescimento de suas modalidades, as formas cruéis de exercê-la são correlatas à sua positividade e, inclusive, de sua justificativa. Pode-se dizer que, de fato, há a sua naturalização e, portanto, a sua ideologização pronunciada nas expressões: “é assim mesmo”; “o mundo sempre foi violento”; “a violência é parte da vida humana”.

A positividade da violência ocorre também nas defesas de guerras para sanear a própria violência; ou para facilitar o comércio de armas para enfrentar a própria violência. Ocorre também por meio da midiática dor nas TVs; no comércio de mortes de encomenda; na espetacularização de tragédias e em fortes torneios econômicos encetados pelas companhias de seguro; pela venda de casas em condomínios fechados; pelo controle tecnológico da segurança e, especialmente, pela edificação do paradigma da militarização social e da vida.

Muitos atores, conglomerados, instituições, latifúndios, empresas se interessam pela violência desde o narcotráfico passando pela indústria da corrupção até a pilhagem de saberes, memórias e fazeres indígenas, quilombolas, camponeses. Interessam-se por ela os que são herdeiros das sesmarias e dispõem de balas para punir os sem-terra; os que fizeram negociatas com o Estado e mantêm contas clandestinas na Suíça; os que, com sadismo de rico, transformam os supermercados de Miami-EUA no passatempo predileto.

O filósofo francês Pierre-Joseph Proudhon, ainda no século XIX, avaliou: “a propriedade privada é a origem de toda a desigualdade”. O sociólogo e geógrafo Adão Francisco de Oliveira esclarece: “a desigualdade é a origem de toda forma de violência”. O sociólogo Nildo Viana patenteia: “a dominação é a maior forma de violência”. E Einstein sintetizou: “a violência fascina os seres moralmente frágeis”.

Poder-se-ia dizer: uma sociedade violenta é o maior documento de seu fracasso. Como se viu, a violência é irmã da desigualdade social, da concentração de riqueza e da injustiça. Mas por que é tão necessária na atual estrutural social?

A palavra violência dá indicação de três compreensões: a *virilidade*, ou seja, a violência física; o que é vil, isto é, a *vilania*, a desintegração ética; e o que *viola*, ou seja, a *violação dos direitos humanos*, e a capacidade de se apropriar da riqueza coletiva. O sociólogo Wieworká explicita que, atualmente, coexistem quatro tipos de violências: a geopolítica, empreendida pelos países que, a qualquer custo e com guerras, mantém a hegemonia econômica e política; a do Estado que, mediante as suas instituições, impõe modos injustos de punir os causadores da violência; o de classes que gera exploração, opressão e sofrimento; e a subjetiva e simbólica que danifica o tecido humanitário gerando competição e desencontros entre os pares.

O educador Paulo Freire insistia em observar: o pior é quando os dominados usam os mesmos códigos dos dominadores, ou seja, é quando maridos espancam esposas e filhos; colegas competem com colegas e se tornam agentes subliminares do Estado. É quando os trabalhadores pensam com a cabeça dos algozes.

A violência ocorre também com o privatismo da saúde; com a degeneração do SUS; com a mercantilização extrema de tratamento de doenças; quando o agronegócio encharca o alimento de agrotóxico e o adoecimento se torna outra moeda valiosa do modelo hospitalocêntrico. A violência constitui o processo de trabalho hiperprecarizado da mesma forma que o terrorismo do desemprego estrutural e, assim, viola o que é mais essencial: a vontade de viver.

O psicanalista Jurandir Freire Costa dá um alerta: no nosso regime de significação uma gota de bondade deve significar mais que toda a maldade do mundo.

É maior essa gota, se Ela cresce como uma esfera simbólica e concreta que nos faz corajosos para lutar contra todas as formas de opressões. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.